

**OS *BRASILEIROS* E O BRASIL DE AQUILINO:  
O MINEIRO CARIOCA E OS OUTROS**

Aquilino's Brazilians and Brazil: the miners from Rio and the others

Francisco Topa  
Universidade do Porto

**RESUMO**

O artigo estuda a representação do *brasileiro* – o português que emigrou para o Brasil e regressa rico à terra natal – e do Brasil na obra de um dos grandes romancistas portugueses, Aquilino Ribeiro (1885-1963), mostrando como estamos já longe do estereótipo caricatural promovido por Camilo Castelo Branco e outros autores oitocentistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aquilino Ribeiro; brasileiro de torna-viagem; Brasil.

**ABSTRACT**

The article analyzes the representation of the *brasileiro* – the Portuguese who emigrated to Brazil and rich returns to his homeland – and Brazil in the work of one of the great Portuguese novelists, Aquilino Ribeiro (1885-1963), showing how we are past the cartoonish stereotype promoted by Camilo Castelo Branco and other nineteenth-century authors.

**KEYWORDS:** Aquilino Ribeiro; *brasileiro*; Brazil.

Aparentemente mais fáceis do que aquelas que vamos mantendo com outros espaços do nosso passado colonial, as relações entre Portugal e o Brasil têm tido desde sempre uma forte dimensão pessoal: marcado por uma independência que ocorre em contexto familiar, numa espécie de rebeldia de um filho contra o pai, o relacionamento entre os dois países independentes caracteriza-se por uma forte dimensão afetiva, em grande medida associada aos movimentos migratórios que se vão fazendo num ou noutro sentido. Contra o que possa parecer, essa vertente emotiva dificulta mais do que favorece a verdadeira aproximação e conhecimento recíproco, perpetuando estereótipos e gerando tensões ao menor pretexto.

A título de exemplo, evoco um episódio recente, ocorrido em outubro deste ano de 2013, numa academia de Portugal: a contestação de um grupo de estudantes brasileiros à praxe (a que no Brasil se chama *trote*) teve como resposta um vídeo colocado na *internet* com uma cena retirada de uma novela portuguesa em que se via a violação de uma negra por um branco. Acompanhando as imagens, havia um comentário que dizia que o mesmo devia acontecer aos brasileiros. Tratou-se certamente de um incidente isolado e não vale a pena atribuir-lhe a importância que ele não tem. Mas por aqui se vê que, apesar do prestígio político e económico alcançado pelo Brasil na última década, subsistem os preconceitos e os mal-entendidos.

A figura literária do *brasileiro* de torna-viagem (a que na primeira metade do século XIX ainda se chamava *mineiro*) constitui um bom indicador da relação difícil de Portugal com o Brasil e da prevalência de preconceitos e estereótipos. Em vez da abordagem das imensas dificuldades da emigração, o romantismo português preferiu a sugestão do *el dorado*; em lugar do enaltecimento do trabalho e do sacrifício, optou pelo ataque fácil a um dos seus resultados, o novo-riquismo; ao invés

de perceber as causas que impunham a ostentação, ficou apenas pela ridicularização de quem a praticava, da mesma forma que optou por denunciar a boçalidade em alternativa ao estudo dos fenómenos que transformam o ser humano e as relações em objeto de mercadoria.

Aquilino Ribeiro deve ter conhecido bem de perto a emigração para o Brasil, tanto a do final do século XIX quanto a de meados do século passado. Numa crónica de 1952, identifica com clareza as causas da partida: «O Brasil continua a ser a terra de promessa. Mais que isso, é o porto de refúgio. Foi assim desde sempre. Quando a velha candeia não tem azeite, a masseira não comporta pão para toda a malta, o remédio é largar para o Brasil.» (RIBEIRO, 1952). Por outro lado, sublinha as qualidades dessa gente e o seu contributo para o enriquecimento do país de destino: «Em nome da tradição que frondosamente ali se desenvolveu, de germe português, não lamentamos a boa gente que parte e não torna mais à pequena plaga soalheira, rude e pobrinha. Saiba o Brasil que lhe mandamos do melhor que cá temos.» (*ibid.*).

De uma outra maneira, é esta visão do *brasileiro* que emerge dos textos ficcionais que Aquilino dedicou ao tema: o conto *A volta do brasileiro*, de 1903, a novela longa *Mina de diamantes*, publicada em 1958, e a novela curta *A eleição de Sua Senhoria*, de 1963.

O primeiro, firmado sob o pseudónimo Bias Agro – nome que volta a comparecer em *Mina de diamantes* para designar uma personagem secundária – ressentido da precocidade do autor: num entrecho sem densidade, a tristeza da protagonista, Rosinha, «uma mocetona forte como um castello e linda como os amores» (RIBEIRO, 1903, p. 75), dá lugar a uma inesperada alegria provocada pela chegada, em noite de Páscoa, do pai, julgado morto no Brasil, e do namorado, resgatado da tropa pelo agora rico progenitor da jovem. A brevidade e a linearidade do conto não permitem que o perfil do *brasileiro* seja minimamente esboçado; ficamos apenas a saber que se trata de um aldeão de Soutosa e que o dinheiro com que volta a casa tinha sido «ganho honradamente» (*ibid.*, p. 77).

*A eleição de Sua Senhoria* dá-nos conta, em registo irónico, da angariação de votos para a reeleição como deputado por Sernancelhe do Dr. Xisto de Melo Damas e Penarruiva, «(...) que brilhara na cessante legislatura como insigne pato-mudo (...)» (RIBEIRO, 1984, p. 185). Tentando conquistar um a um os votos em disputa, o candidato vê-se obrigado a satisfazer pretensões estritamente individuais, dado que «O gentio das aldeias, por via de regra, não acalenta pretensões de natureza colectiva. Seria absurdo oferecer-lhe estradas, pontes, chafarizes, escolas. Por tudo isso professa um soleníssimo desdém.» (*ibid.*, p. 188). Embora não haja indicações cronológicas precisas, percebe-se que estamos na fase final da monarquia, dominada pela alternância entre progressistas, o partido do protagonista, e regeneradores.

Uma das casas em que Penarruiva é obrigado a deter-se é a de um brasileiro, que o narrador descreve assim: «Casa caiada de fresco, com sacada, vidraça de bandeira dividida em variadas figuras geométricas, numa farfalhada fantasia arte nova, e um papagaio – ainda o clássico loiro, gárrulo e malcriado, no trono de lata suspenso contra o umbral (...)» (*ibid.*, p. 198). Estamos longe do palacete de *brasileiro* característico do Minho, não obstante o *kitsch*, que se confirma no interior, em que se destacavam as paredes repletas de «(...) bilhetes-postais com vistas do Rio, uma oleografia de Niterói, páginas do *Fon-Fon* em molduras de espelho.» (*ibid.*). De seu nome «(...) Hilário Dias, com loja de armarinho em Paraíba e Rio (...)» (*ibid.*, p. 199), «Cintilavam-lhe nos anéis dois dedos brilhantes taludos como repolhos, e o bigode retorcido falava de sua importância e amor-próprio.» (*ibid.*, p. 198). Apesar do mau-gosto e da ostentação, Hilário Dias é suficientemente esperto para contornar dificuldades e concretizar os seus objetivos: tendo trocado o voto no adversário do Dr. Xisto por uma comenda, não hesita em desculpar-se com uma mentira perante o candidato progressista: «Se estivesse recenseado, com duas mãos, senhor doutor Penarruiva, com duas mãos!» (*ibid.*, p. 199). Além disso, com uma ingenuidade só aparente, apresenta ao deputado uma solução que ilustra bem a falência do rotativismo na fase anterior à revolução republicana: «Porque não repartem os votos irmãmente? Não são igualmente monárquicos, cristãos e patriotas?» (*ibid.*).

Essa esperteza, essa vivacidade e esse cinismo do *brasileiro* de Aquilino Ribeiro estão mais amplamente documentados na novela de 1958, *Mina de diamantes*. O seu protagonista, Diamantino Dores, por alcunha o Dedê, é contudo bem diferente: antiga glória futebolística do Vasco da Gama, era agora um alto funcionário público da prefeitura do Rio de Janeiro, vivendo basicamente do tráfico de influências na área da construção. Emigrara para o Brasil com quinze anos, fugindo à fome, como nota o narrador através de uma imagem muito expressiva:

Aquilo era ninho de ave de rapina superpovoado. Sim, era como aqueles ninhos de gavião em que o pai empurra para fora os passarolos que são em demasia. Encontravam-se os enfeitados, ainda meio implumes, na terra nua, ao toro da árvore, comidos das formigas, só bico, só a caveira a luzir. (RIBEIRO, 1958, p. 202)

Com dificuldades, subira a pulso na vida, aproveitando também o seu aspeto físico: «Quisera a sorte que nascesse bem apessoado, alto, direito, branco de neve, sobre o ruívaço, tipo a que dão muito apreço as damas cariocas, em suma, o que se chama um bonitão.» (p. 203). Confirmando a sua diferença face ao estereótipo camiliano, Diamantino Dores não vive subjugado à ideia de amealhar dinheiro. Pelo contrário, «Gastava no amanhã, sempre bom fato de linho inglês, boas popelinas, boa lã colonial, no Jockey, no automóvel, com as mulheres.» (*ibid.*, p. 204). Apesar da sua origem, fizera-se urbano e brasileiro, «e com o traquejo do Rio» (*ibid.*, p. 193), cortando aos poucos quase todos os laços com a terra natal, a que não tencionava voltar.

A viagem a Portugal constitui uma solução forçada para fugir à perseguição do velho marido de uma sua amante, a jovem mulata Helespontina. Fazendo uso de uma imagem original, Diamantino avalia assim o risco de morte: «Considera que o cabra tinha guia de marcha para o outro mundo e o sabia. E mandar um estafeta à frente custar-lhe-ia pouco.» (*ibid.*, p. 200).

Consciente da obrigação de impressionar os patrícios – «Se não voltava riquíssimo, havia pelo menos toda a vantagem que constasse. Não há nada pior que a pobreza e que a sua irmã a modéstia.» (*ibid.*, p. 191) –, Diamantino Dores ver-se-á constantemente obrigado a comprar o que lhe vão oferecendo: ainda antes de sair do Rio de Janeiro, é forçado a aceitar a proposta de jornalistas para que a viagem a Portugal seja promovida como périplo europeu em que, entre outras coisas,

Estudaria ainda o processo de eliminar as favelas da nossa cidade maravilhosa... esta úlcera hedionda... urbana e demográfica, que horripila o turista estrangeiro. Hem, Dedê, urbana e demográfica... isto é, a casa e o habitante, a cardenha de lata e o escravo de sempre. (*ibid.*, p. 188)

Uma vez chegado a Portugal, as ofertas coercivas sucedem-se, sobretudo a partir do momento em que a expressão *mina de diamantes* é tomada à letra, convertendo o luso-carioca Diamantino em *mineiro*: da família à banda filarmónica, passando pelos bombeiros e pelo padre, dos bens materiais às causas políticas e às pessoas, todos o obrigam a demonstrar a falsa riqueza. Inverte-se assim a ordem dos elementos de uma frase do momento inicial da narrativa: «Diamantino metia a mão na consciência e palpava a carteira.» (*ibid.*, p. 191). Obrigado agora a meter a mão na carteira, Dedê vai palpando a consciência, confirmando aquilo que a experiência carioca lhe havia ensinado: todos se movem por interesses pessoais, tendo o dinheiro apagado os valores morais.

Como é fácil de perceber, estamos longe do *brasileiro* oitocentista, de torna-viagem, embora se mantenham certos traços, como o apetite sensual e um certo amoralismo. Por outro lado, o enfoque narrativo é outro: mais do que denunciar as falhas da personagem, o propósito parece ser o de retratar uma sociedade falhada. É o que mostra a seguinte passagem de uma intervenção de Bias Agro, espécie de secretário de Diamantino e de *alter-ego* de Aquilino:

A diferença que há entre a Europa e a América (...) é que na América a roubalheira é organizada e aqui, não digo desorganizada, mas no estado de inorgânica. Na América tudo molha a sua sopa: o ministro, o vereador, o mestre-de-obras, o dono do hotel, o merceeiro, o engraxate. É o círculo napolitano dos comilões. Um mete a mão no bolso do vizinho, o vizinho no bolso do parceiro mais próximo, aquele no que está a seguir, assim por diante. Fechado o circuito, todos roubaram, portanto ninguém ficou roubado. Na Europa não. Nem sempre rouba o ministro, mas deixa roubar o secretário. Rouba o senador ou ajuda a roubar; não rouba o magistrado, mas fecha os olhos. Não rouba o chefe, mas permite que roube o manga-de-alpaca; rouba o estalajadeiro; rouba, se pode, o criado de mesa; rouba o engraxador... (*ibid.*, p. 323)

De uma outra maneira, mais pessimista e com maior alcance político, di-lo o próprio Dedê, em carta para o Rio de Janeiro, queixando-se ao amigo Rosária dos roubos de quem tem sido alvo, inclusive no fogo-de-artifício:

Os fogueteiros perderam de todo a dignidade como a perdem os parlamentares uma vez gloriosos. Já não há timbre em qualquer das pirotecnias. Os parlamentares, quando lêem os discursos, parecem fogueteiros a deitar o seu fogo mau e mortífero, e os fogueteiros deitam os foguetes como se tratasse de discursos lidos nas Câmaras, de forma a não levantarem eco. (*ibid.*, p. 330)

O tema do *brasileiro* não impede portanto que reconheçamos na novela o Aquilino Ribeiro de sempre, inclusive na sua vertente de opositor da monarquia. Veja-se esta síntese do longo discurso de Bias Agro à delegação bracarense da Ala Verde Tradicionalista D. Afonso Henriques:

Deve-se-lhes [aos reis] ser o povo mais triste, mais atrasado, mais mesquinho, física e moralmente, da Europa. Depois, meus senhores, hoje já ninguém quer ser herdado como carneiros. A grei – rebanho – existiu com D. João II. Hoje há cidadãos. (*ibid.*, p. 339)

É por isso também que, na primeira parte da obra, passada no Rio de Janeiro, encontramos sinais de um certo desconforto do beirão Aquilino perante a grande cidade:

A tromba de veículos irrompia furiosa com um furor de mil artilharias a trote, de duas trovoadas que se encontram, de todos os zés-pereiras de Portugal e de todas as sacabuxas dos tempos idos, instrumento azoinador por excelência, ao desafio. Ao mesmo tempo o babaréu monstro acompanhava-se duma orgia de tintas derramadas, em fuga, em crise, mescladas no mais inimaginável pandemónio. (*ibid.*, p. 174)

Será essa ainda a causa para a emergência a espaços de uma nota racial que hoje seria considerada estranha: «(...) quando estivessem a secar ao sol do mergulho nas salsas ondas os banhistas infalíveis, dois pretos por um branco, linda balaustrada intermitente de ébano e pau-rosa.» (*ibid.*, p. 167); ou «(...) é por cima da mata virgem do Espírito Santo ou da Baía (...) que se assemelha em sua densa, crespia e encaracolada coma à gaforina dum jovem negro (...)» (*ibid.*, p. 210).

Na base deste posicionamento estão certamente as impressões que o autor colheu quando em 1952 visitou o Brasil por um período de três meses. Parte delas seria reflectida nas crónicas que foi publicando em *O Século*. Sobre o Rio de Janeiro, por exemplo, escreveu logo a 12 de abril desse ano:

O Rio é uma cidade que derrota a fantasia mais descabelada. Se pretenderem fotografá-la, não há objectiva que a abranja; se se propuserem pintá-la, semelhante a uma descomunal salamandra, precisaria de muitos metros de tela e de muitos potes de tinta para se conseguir o seu vero painel em toda a extensão e versicolor; se tentarem descrevê-lo com palavras, todo o palavreado é balbucio. Não é Veneza, nem Constantinopla, nem Schewerin: é uma cidade intraduzível, original, possivelmente a interpretar em música num bolero em que se associassem Ravel, Strauss, Rimsky-Korsakof. (RIBEIRO, 1952a)

Este aparente entusiasmo não esconde contudo uma certa decepção perante o ritmo e a americanização das grandes cidades brasileiras, como se pode verificar por um texto de 1957 sobre os cafés:

De facto no Brasil não há cafés. Foram substituídos pelos “bars”, onde cada um toma a sua xícara mediante uma ficha que se compra na caixa, em formatura, clientes atrás de clientes. Tudo em fila regimental, de pé e em acelerado. É facto que ninguém nos acotovela para andarmos depressa. Mas basta o ritmo geral por que se regula esta operação, desde o primeiro tempo, com a menina da caixa mais expedita que um batoteiro a dar cartas, até o lavador de louça, para sermos contagiados. Toma-se o café a goles rápidos e mal se saboreia. (RIBEIRO, 1957)

De uma forma um pouco mais contundente, a impressão repete-se perante a popularidade do apartamento, comprado a crédito, a pagar por toda uma vida:

(...) não possuir esta espécie de cela de abelha ou gavetão de jazigo municipal no Rio é uma vergonha. Já nem tem poesia. Cristo e Verlaine, que se contentavam com uma pedra para repousar a cabeça, podiam ir pregar, quer dizer, exercer a espiritualidade a outros climas; para aqui vinham aterrados. (RIBEIRO, 1952b)

Apesar disso e apesar da tendência para ver no Brasil sobretudo a marca deixada por Portugal, Aquilino avaliou corretamente o património lusoafrobrasileiro da língua, tema frequente de equívocos e desentendimentos em meados do século passado. Numa crónica de 1954, escreveu:

Não é que Portugal é e será sempre cada vez mais o cais do Brasil para a velha e sedutora Europa? Não é de considerar na aliança idiomática com o Brasil o contributo que hão-de representar no futuro as grandes províncias ultramarinas de Portugal, em pleno desenvolvimento já hoje, grandes núcleos populacionais amanhã da fala portuguesa? (RIBEIRO, 1954)

O tempo e as análises dos economistas vieram dar-lhe razão, embora as desconfianças, os mal-entendidos e os preconceitos subsistam. A figura literária do *brasileiro* – que no caso de Aquilino já quase dispensa o itálico – foi um bom exemplo desse estado de coisas. Resta-nos esperar que, se ela ressurgir daqui a algumas décadas, continue a evoluir no mesmo sentido que a levou do estereótipo romântico ao Dedê de Aquilino.

## Referências

RIBEIRO, Aquilino. A volta do brasileiro. *O Cruzeiro do Sul: semanário litterario noticioso e charadistico*. Olhão. 29-III e 6-IV-1903. (Reproduzido por Luís Vidigal em *O jovem Aquilino Ribeiro: ensaio biográfico e antológico na Lisboa da “belle époque” (1903-1908)*. Lisboa: Livros Horizonte, [1986], p. 75-77.)

\_\_\_\_\_. A gente que damos ao Brasil. *O Século*. 23-I-1952, p. 1.

- \_\_\_\_\_. Impressões do Rio de Janeiro. *O Século*. 12-IV-1952a, p. 1.
- \_\_\_\_\_. A dança dos milhões. *O Século*. 23-V-1952b, p. 1.
- \_\_\_\_\_. A língua portuguesa no Brasil. *O Século* 13-VIII-1954, p. 1.
- \_\_\_\_\_. Portugal e Brasil à volta da xícara de café. *O Século*. 29-V-1957, p. 1.
- \_\_\_\_\_. *Mina de diamantes*. Em edição conjunta com *O Malhadinhas*. Lisboa: Bertrand, 1958.
- \_\_\_\_\_. A eleição de Sua Senhoria: In: *Casa do Escorpião*. [s.l.]: Bertrand, 1984 (1.<sup>a</sup> edição, 1963).

Recebido em: 13 mar. 2015.

Aprovado em: 28 abr. 2015.